

## INTRODUÇÃO

pensei em começar a falar  
do que sempre falei  
mas não como se não houvesse  
algo em mutação em retranscrição  
em uma leitura e interpretação  
que é também e sobretudo viral –

lembro que quando pequeno  
o horror de um vírus e de  
sua doença incurável – eram os  
anos 80 – fez toda uma geração  
sentir o medo de tocar o outro  
tocar intimamente  
porque não há outro tato  
ao menos até a chegada do coronavírus –  
a aids era então aquela doença  
e o hiv essa forma viva que destruía  
qualquer imunidade modificando-se  
a todo minuto impossível de se  
prever os próximos movimentos –

daí vieram todos os estereótipos  
todas as etiquetas que acompanharam  
as mortes dos primeiros infectados  
que como uma minoria  
levou muito tempo quase um  
tempo sem urgência para  
que se produzisse um medicamento  
válido e pensar que poderíamos  
sonhar com uma cura –

o contágio íntimo era o  
único contato a ser tomado  
como interdição e toda uma  
geração amedrontada surgiu –

agora parece tudo ser diverso  
só parece mas

falta ar – *atêmwende* –  
e talvez falar de poesia  
não seja tão inválido agora  
desde que não seja o mesmo  
modo com que sempre  
falamos como sempre atuamos  
no esperado no que se  
espera de quem lê ou se põe  
a ler poesia

assim nesse confinamento  
que a uma parcela privilegiada  
foi conferido passo os olhos  
nas estantes de poesia que  
estão perto de mim e vez  
ou outra tenho um relance  
e um ímpeto de pegar  
um dos livros que está ali  
quase que mudo esperando  
ser aberto ganhar novos olhos  
ganhar um outro fôlego

por isso decidi falar  
em linha quebrada ou nessa  
linha que fracassou na prosa  
de uns livros de poesia que  
tenho aqui  
já que eles ensaiam uma abertura

primeiro uns 40 livros  
que suportem uma quarentena  
e depois desses 40 um  
breve recorte: todos brasileiros  
todos contemporâneos  
e todo o restante veio ou virá  
quase ao acaso  
talvez sejam guiados por  
outras leituras outros interesses  
inclusos ou escusos  
que possam surgir no meio  
do caminho no meio de um  
verso ou outro que me chame

a entrar não pela porta  
mas também não pela janela

apenas livros de poesia  
que digam não haver  
nenhuma diferença possível  
entre o público e o privado  
– a necessária destituição  
da propriedade privada –  
que digam que já em  
algum momento houve  
contágio.